

Aldeia remota, rústica e ribeirinha, Segões é uma das vinte freguesias que amanhã os limiãres do concelho de Moimenta da Beira, uma das que mais dista da sede concelhã. Os 2,20 km² de área onde está implantada, logo ali às portas de Barrelas, apresentam-na como uma freguesia pequena, com uma massa humana que se espraia pouco de uma centena, mas indubitavelmente rica sob o ponto de vista da história, da arte, da cultura e da sociabilidade. A sua posição de transição entre os bispados de Viseu, Lamego e Guarda foi reconfigurada ao longo da História. É possível que em tempos mais remotos tenha pertencido a outros concelhos e vários foram também os municípios que viu soçobrar às mãos do tempo, das reformas e das conjunturas. Resistiu às vicissitudes de percurso, mantendo-se implantada nas margens do leito do Rio Paiva. Desde tempos imemoriais que estas águas turvas de sais procurados para doenças da pele, deslizam pelas suas planícies com uma calma absorta que liberta as substâncias necessárias à sua fertilização, constituindo o caudal necessário para pôr em marcha essas locomotivas ancestrais de transformação do cereal.

O património cultural, móvel ou imóvel, é múltiplo e compreende todas as edificações ou realizações humanas do passado. Não significa, pois, que solares e outros imóveis e até bens móveis que testemunhem a existência de modos de vida refinada próprias dos estratos mais elevados da sociedade, devam ofuscar a existência e importância de outro tipo de património relativo aos sectores mais baixos da sociedade. O património rural, religioso e civil tem um valor próprio que importa considerar. Segões é uma aldeia rica em património rural. Além dos moinhos que ponteiam pelo curso fluvial, do fraguado das eiras em granito puro da Beira, possui uma sepultura escavada na rocha da *Pedregua*, uma sepultura ovalada de tipo sarcófago em granito, um cruzeiro notável, diversas alminhas, um templo católico de nota histórica e todo um casario de feição arcaica e rural que ombrãia com um traçado não menos rústico numa doce emanação de passado, presente e futuro.

Diz-se que o povoado de Segões remonta ao século IX ou X, advindo o seu nome do germânico *Saggo*, o fundador que terá erecto a vila *Segonnis*. Na falta de provas com substância científica dever-se-á sublinhar esta conjectura como mera hipótese. Porém, a antiguidade de outros povoados limítrofes, bem como a multiplicidade de vias românicas nas proximidades territoriais, robustece a hipótese.

Não abundam os documentos acerca desta aldeia moimentense. Existem alguns fragmentos dispersos já inventariados e certamente muitos outros ainda por identificar. Sabe-se, a título de exemplo, que na Igreja de Segões estiveram agentes do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição em 22 de Dezembro de 1678, onde interrogaram alguns moradores acerca de um clérigo solicitante.

Em 1768 Segões tinha 50 fogos, ou seja, cerca de 200 pessoas. Em 1880 tinha já 65 fogos e uma população de cerca de 250 habitantes. Desde tempos imemoriais que o orago da paróquia é S. Martinho, bispo. Pertenceu durante praticamente toda a época moderna ao concelho de Caria-Rua. Pinho Leal sublinhava-o em 1768. Desanexados estes dois concelhos, Segões permaneceu ligado à Rua. Era o reitor da Rua que apresentava o cura nessa paróquia, o qual tinha 40 mil réis de cõngrua aos quais acresciam 30 mil réis de benesses. Sobre a terra propriamente dita, Pinho Leal advogava ser fria e abundante de cereal e caça.

De toda a riqueza patrimonial da aludida povoação o vetusto cruzeiro é o mais emblemático e enigmático e sobre ele publiquei já um artigo onde forneço algumas pistas sobre a sua origem, nomeadamente sobre o facto de poder ter sido aproveitado de um pelourinho. Deslocalizado, está hoje no centro de um largo a marcar a sua posição de relevo arquitectónico como ex-líbris da terra.